

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Da architectura Manuelina (conclusão) — pelo sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS.....	Pag. 145
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Monumentos nacionaes. — Extracto do relatório da comissão dos monumentos nacionaes apresentado ao ill. ^{mo} e ex. ^{mo} sr. ministro das obras publicas, commercio e industria, em 1884, pelo presidente da referida comissão.....	153
Explicação da estampa, pelo sr. J. DA SILVA.....	159
Chronica.....	160

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

DA ARCHITECTURA MANUELINA

Conferencia feita na exposição districtal de Coimbra em janeiro de 1884

(Conclusão, v. pag. 117, Boletim n.º 8)

Appendices ás notas 15, 20, 31, e 33

APPENDICE I

(Vid. nota 15)

«Á l'endroit du Tage où Vasco da Gama s'est embarqué pour chercher le continent des Indes, sur cette *plage des larmes*, qui a vu tant d'émotions de crainte, d'espérance, de douleur, tant de départs, d'embrasements, d'adieux qu'on croyait éternels, de retours triomphants, le roi Emmanuel a fait élever une église. L'architecture en est gothique; mais le trait de génie est d'y avoir mêlé tous les caractères de la vie de mer; des câbles (1) de pierre qui lient les piliers gothiques les uns aux autres, de hauts mâts de misaine qui soutiennent les ogives, les rosaces, les voûtes, pendant que la voile de l'humanité s'enfle, au seizième siècle, sous l'haleine du ciel.

C'est encore la maison du Dieu du moyen âge, mais appareillée comme un vaisseau en partance. Si vous entrez dans l'intérieur du cloître, déjà les fruits et les plantes des continents nouvellement

(1) Ces câbles de pierre (*cordões*), que j'ai retrouvés à Cintra, dans le monastère de Péna, sont un des caractères les plus marqués de l'architecture portugaise.

révélés, les cocos, les ananas, les pamplemousses sont cueillis et appendus dans les bas-reliefs. L'es prit d'aventure, de danger, de science, de découverte, respire dans ces murailles plus que dans aucune chronique. C'est l'impression de ce moment indicible d'enthousiasme où Christophe Colomb Vasco de Gama, Magellan, Jean de Castro, entonnent, à genoux, le *Gloria in excelsis*, en serrant les voiles devant des terres inconnues. Ici, des sirènes gothiques (1) nagent dans une mer d'albâtre; là, des singes grimpeurs du Gange se balancent au câble de la nef de l'église de Saint-Pierre. Les perruches du Brésil battent de l'aile autour de la croix du Golgotha. Des larmes coulent sur des blasons. Ajoutez des mappemondes de marbre, des astrolabes, des équerres mariées aux crucifix, des haches d'abordage, des boucliers, des échelles, partout des agrès, des nœuds de cordes roulées, qui amarrent les colonnes, les piliers, vous sentirez, dans le moindre détail, une église marine, la barque pavoisée du Christ espagnol et portugais, qui, au milieu des angoisses de l'homme, çingle en paix, vent arrière, sur des océans non encore visités. Des éléphants de marbre portent en triomphe l'urne funèbre du roi Emmanuel, qui a présidé à la découverte des Indes; d'au-

(1) Comment les antiquaires ont-ils pu s'abuser au point de ne voir là qu'une imitation des *symboles égyptiens*? Le moindre matelot ne s'y tromperait pas. — Quem seria o archeologo nacional que descobria em 1844 os symbolos egypcios? Mas em logar de archeologia egypcia, Mr. Quinet faz archeologia romântica.

tres morts sont couchés près de là. Vous diriez des pilotes endormis sous la voûte surbaissée de l'entre pont.» (*Mes vacances en Espagne nas Oeuvres complètes* de Edgar Quinet. Paris, 1857 pag. 235-237. O auctor esteve em Lisboa de 1843-1844.)

Gastariamos muito espaço, mais espaço do que a citação occupa, a refutar as phantasias de Quinet, explicaveis n'um *ultra-romantico*. Comprehende-se perfeitamente que esses devaneios poeticos fossem para os nossos admiradores de cá, tambem românticos, uma *revelação*, como foi uma *revelação* tambem o famoso torreão (e a derrocada) dos fallecidos scenographos Rambois & Cinatti, antes de cahir, quando a burocracia lisboeta se mirava n'aquella moderna obra *manoelina* dos pintores do regio theatro de S. Carlos, que custou dois milhões, uma duzia de vidas etc., cobrindo o Restello de ruinas e o paiz de vergonha.

Mr. Quinet descobre lagrimas n'um brazão, que representa simplesmente as cinco chagas de Christo, confunde os instrumentos da paixão nos escudos do claustro com astrolabios, machados d'abordagem, etc; a corda, ou cordão, encontra-se tambem, como ornato, nos edificios hespanhoes e mais do que isso: as cadeias de ferro, os homens selvagens, etc. E' preciso ter a phantasia de Mr. Quinet para transformar o primeiro animal que vê, em um macaco do Ganges, e uma qualquer ave n'um periquito do Brazil, não fallando nos côcos e nos *ananazes*, provavelmente a flôr do cardo, semelhante, que pertence á ornamentação gothica. E então as sereias *gothicas* nadando n'um mar de *alabastro*! — alabastro no claustro de Belem!

APPENDICE II

(Vid. nota 20)

Para a coordenação d'esta Bibliographia consultamos principalmente as seguintes fontes:

1. *The first proofs of the universal Catalogue of Books on art* compiled for the use of the national art library and the schools of art in the united kingdom. — London, Chapman & Hall, 1870. Vol. I e II 4.º gr. de 2187 pag. Vol. III Supplement, London, 1877, 4.º de 654 pag. ed. George E. Eyre.
2. **Stirling (William)** *Annals of the artists of Spain*. London, 1848. 8.º em 3 vol. Obra importante, infelizmente exausta.
3. **Salva (Don Pedro Salva y Mallen)** *Catalogo de la Bibliotheca de...* Valencia, 1872. 8.º gr. em 2 vol. Catalogo critico e illustrado com numerosos fac-similes. Indispensavel.
4. **Cean-Bermudez (Agustin)** *Diccionario historico etc.* vid. adiante sub *Architectura*. Madrid, 1800, 8.º peq. 6 vol.
5. **Llaguno y Amirola e Cean-Bermudez**. *Noticias de los arquitectos* vid. adiante sub *Biographia*. Madrid, 1829, 4.º em 4 vol.
6. **Mariátegui (Don Eduardo de)** *Glosario de algunos vocabulos de arquitectura y de sus artes auxiliares*. Madrid, 1876.
7. **Murillo (Don Mariano)** *Boletin de la libreria*. Madrid, 1874-1884. Anno I-XI.

Publicámos os titulos abreviados, porque não é nossa intenção fazer uma Bibliographia completa,

mas dar sómente uma idéa da riqueza dos nossos vizinhos n'esta especialidade litteraria.

Tenha-se em conta que algumas d'estas obras serviram de textos e compendios em Portugal, á falta de obras nacionaes, e que certas disposições, regulamentos, taxas de preços, pragmaticas etc. foram lei em Portugal de 1580-1640.

Na secção *artes industriaes* escolhemos apenas um grupo, a *ourivesaria*, e dois tratados sobre *carpintaria* de construcção, que figuram na secção: *Architectura* (Alvarez 1674 Ms. e Arenas, 1633. Seria facil augmentar a lista com os tratados sobre armaria (Narvaez, Soler, Marchesi) etc.

As pessoas que desejarem conhecer a Bibliographia d'arte, portugueza, podem consultar o nosso Ensaio, que é o primeiro e unico publicado: *Appendice ao Catalogo da primeira Exposição Bazar de Bellas Artes*, promovida pelo Centro artistico portuense. Porto, 1881, 8.º de 21 pag. com 271 numericos.

I Architectura civil e religiosa

A) Manuscritos

- XVI. Cuaderno de arquitectura, comprendiendo: 1.º *Arquitectura de Vitruvio* 2.º *Arquitectura militar, corte de piedras y dimensiones de campanas*, y 3.º *Definiciones de arquitectura*. Forma parte de um masso de papeis do sec. XV e XVI, relativos á architectura, existente no *Archivo historico nacional*: Alacena 4. div. 6. apud Mariátegui.
1593. *Ordenanzas de los alarifes de la ciudad de Córdoba*. 1.º de fevreiro de 1503. Ms. de Mariátegui.
1578. **Ribeiro (Juan de)** *Los cuatro libros de Andrea Palladio en castellano*. Se acabou á las cuatro de la tarde del 15 de diciembre de 1578 (B. Nacional: Aa, 90) apud Mariátegui.
1581. **Praves (Francisco de)** *Los cuatro libros de arquitectura de A. Palladio*. Copia de Mariátegui; letra d'este seculo.
1674. **Alvarez (Rodrigo)** *Breve compendio de Carpinteria y tratado de lo blanco*. Salamanca. Ms. da collecção do sr. Rico y Sinobas, apud Mariátegui.

B) Obras impressas

- 15... Hontañon (Juan Gil de) vid. Garcia (Simon).
1526. **Sagredo (Diego de)** *Medidas del romano* Toledo, 1526; 2.º ed. Lisboa a 15 de janeiro de 1542; 3.º Lisboa 15 de junho de 1542; 4.º ed. Toledo, 1549; 5.º Toledo, 1564. Cean Bermudez viu ambas as edições de Lisboa e descreve-as. (*Noticias de los arquitectos*, vol. I pag. 179). Esta obra foi traduzida em francez e sahiu em Paris, 1539; outras edições francezas em 1542 e 1550. E', em data, o primeiro tratado vitruviano em Hespanha e mesmo em França. Na Biblioth. d'Evora vimos uma das ed. de 1542.
1565. **Vilhalpando (Francisco de)** *Tercero y cuarto libros de arquitectura de Sebastian Serlio*. Toledo. Segundo Cean-Bermudez (*Dicc. I*, pag. VII) a data é 1569, mas em

- outra obra (*Noticias II* pag. 61) diz 1563. Esta data é a verdadeira; o 3.º livro estava impresso já em 1563, mas sahiu só com o 2.º em 1565. Os outros livros não sahiram á luz. Vid. Salvá.
1582. **Urrea (Miguel de) M. Vitrubio Polion.** *De architectura, dividido en diez libros traducidos de latin en castellano.* Alcalá de Henares.
1582. **Lozano (Francisco)** *Los diez libros de arquitectura de Leon Baptista Alberti, traducidos de latin en romance.* (Madrid), 1582, 2.ª ed. 1797.
1585. **Arfe de Villafañe (Juan)** *Escultor, etc.* V. Ourivesaria.
1593. **Caxesi (Patricio)** *Regla de las cinco ordenes de arquitectura de Jacome de Vignola.* Madrid. Outras ed. em 1651, 1702 e 1722. Possuimos a ed. de 1722, que parece tirada sobre as laminas da 1.ª
1625. **Praves (Francisco de)** *Libro primero de la arquitectura de Andrea Palladio etc.* traducido de toscano en castellano. Valholid. Mariátegui falla de *cuatro libros*, ms. seu, cópia de letra do sec. XIX; e põe a data 1581.
1633. **San Nicolas (Fray Lorenzo de)** *Arte y uso de la arquitectura.* Madrid. E' a 1.ª Parte; a 2.ª sahiu em 1664. A 1.ª Parte foi reimpressa em 1667. Possui um exemplar da 2.ª Parte da ed. de 1736; a 1.ª não tem frontespicio, mas parece tambem do sec. XVIII. Murillo cita (n.º 2094) uma ed. de 1796 em 2 vol., o que parece erro, por 1736. O mesmo bibliographo descreve em outra parte (n.º 47) uma ed. de 1663, que Cean Bermudez (*Noticias IV*, pag. 24) não conhece, dando como 1.ª a de 1633.
1633. **Arenas (Diego Lopez de)** *Breve compendio de la carpinteria de lo blanco y tratado de alarifes.* Sevilla; 2.º ed. Sevilla; 1727; 3.ª ed. Madrid, 1867 com o *Supplemento* de **Santiago Rodriguez de Villafañe**. Possuimos a de 1867.
1661. **Torija (Juan de)** *Tratado breve sobre las ordenanzas de la villa de Madrid y policia de ella, y breve tratado de todo genero de bovedas, asi regulares como irregulares.* Madrid. Parece que Torija copiou este tratado de um ms. de **Pedro de la Peña**, e que este copiára, a seu turno, de uma obra de **Alonso de Valdelvira**. *Libro de trazas de cortes de piedra.* Vid. *Noticias IV* pag. 36.
1676. **Anonymo.** *Tabla de los precios que se han de observar y guardar por el veedor de obras de iglesias de este arzobispado, en las tasaciones que se hicieren de las obras de dichas iglesias, asi tocantes á la carpintaria como á lá albañileria etc.* Granada.
1678. **Caramuel (Juan)** *Architectura civil recta, y obliqua.* Vegeven. Em 3 vol. fol. vid. Salvá, vol. II pag. 360. Murillo indica (n.º 97) tres tomos de texto e um de laminas.
1681. **Garcia (Simon)** *Compendio de arquitectura y simetria de los templos.* Este Ms. é propriamente obra do celebre architecto **Juan Gil de Hontañon** (princ. sec. XVI). Sahiu, em fragmento, na revista *El arte en Espana* vol VII pag. 113; e á parte, Madrid, 1868, fol. de 72 pag. Possuimos a ed. da revista.
1738. **Bru (Atanasio Brizguz y)** *Escuela de arquitectura civil.* Valencia. Citado só por Mariátegui.
1747. **Berruguilla (El Maestro Juan Garcia)** *Verdadéra practica de las resoluciones de Geometria para un perfecto architecto.* Madrid, apud Mariátegui.
1761. **Castañeda (Josef de)** *Compendio de los diez libros de arquitectura de Vitruvio, escrito en frances por Claudio Perrault.* Madrid.
1763. **Benavente (P. Miguel)** *Jesuita. Elementos de toda la arquitectura civil.* E' traducção da obra que o P. Rieger, tambem jesuita, publicou em latin *Universae architecturae civilis elementa* etc. Vindobonæ, 1756. Rieger, que vivia em Madrid, ajudou-o na traducção.
1785. **Ureña (Marqués de)** *Reflexiones sobre la arquitectura, ornato y musica del templo.* Madrid, 1785. Murillo n.º 6387.
1790. **Hijosa (Manuel)** *Manual de arquitectura.* Madrid; Mariátegui.
1829. **Llaguno y Amirola.** *Noticias de los architectos y arquitectura de Espana* por .. ilustradas y acrecentadas con notas, adiciones y documentos por D. Juan Agustin **Cean-Bermudez**. Madrid, 1829, 4 vol. Obra de grande valor. Collecção do auctor.
1848. **Caveda (José)** *Ensayo historico sobre los diversos generos de arquitectura empleados en Espana desde la dominacion romana hasta nuestros dias.* Madrid. Ha uma trad. allemã de **P. Heyse** e **Franz Kugler**, Stuttgart, 1858. Possuimos a trad. all. A Bibliotheca do Porto tem a ed. hesp.

II. Architectura militar

1598. **Rojas (Christoval de)** *Teorica y práctica de fortificacion, conforme las medidas y defensas destes tiempos.* Madrid.
1599. **Barba (Diego Gonzalez de Medina)** *Examen de fortificacion.* Madrid. Salvá falla de edições posteriores, de 1608 e 1609. Murillo cita a data 1590 em o n.º 3414, mas emenda 1599 em o n.º 3987.
1613. **Rojas (Christoval de)** *Compendio y breve resolucion de fortificacion etc.* Madrid.
1664. **Mut (Vicente)** *Arquitectura militar.* Mallorca.
1669. **Adrada (Alonso de Cepeda y)** *Epitome de la fortificacion moderna.* Bruselas.
1708. **Medrano (Sebastian Fernandez de)** *El architecto perfecto en el arte militar.* Amberes.

III. Pintura

- 15... **Guevara (Don Felipe de)** *Comentarios de la pintura.* Tratado da segunda metade do sec. XVI, publicado por Antonio Ponz em Madrid, 1788. Collecção do autor.

1626. **Butron (Juan)** *Discursos apologeticos en que se defiende la ingenuidad del arte de la Pintura*. Madrid. Collecção do autor.
1633. **Carducho (Vincencio)** *Dialogos de la pintura*, su defensa, origen, esencia, definicion, modos y diferencias. Madrid, 2.^o ed. ibid. 1865. Collecção do autor.
1649. **Pacheco (Francisco)** *Arte de la pintura*, su antiguedad y grandezas. Sevilla, 2.^o ed. Madrid, 1866 em 2 vol. 8.^o Collecção do autor.
- 16 .. **Martinez (Josepe)** *Discursos practica- bles del nobilissimo arte de la pintura*, sus rudimentos, medios y fines, que enseña la experiencia. Ms. Editado por D. Valentin Carderera y Solano. Madrid, 1866, 4.^o O autor viveu de 1612-1682.
1691. **Hidalgo (Joseph Garcia)** *Principios para estudiar el nobilissimo arte de la pintura*, con todo, y partes del cuerpo humano. S. l. n. d., segundo Murillo (n.^o 2084) que sup- põe a data 1684. Cean Bermudez cita a obra duas vezes. Dicc. vol. I pag. 7 e II pag. 167, com a data 1691.
1715. **Palomino (Antonio Palomino y Ve- lasco)** *Museo pictorico* vid. Biographia.
1730. **Ayala (Fr. Juan Interian de)** *Pictor christianus eruditus* etc. Madrid. Ha uma trad. hesp. El Pintor christiano, y erudito, ó tratado de los errores que suelen cometerse frequentemente en pintar, y esculpir las Imágenes sagradas. Traductor **D. Luis de Durán y de Bastero**. Madrid, 1782, em 2 vol. Ha uma trad. ital. por **Citta- della**, Ferrara, 1854. Possuimos a trad. de 1782. E' livro extremamente curioso, e muito util para o estudo da pintura hespanhola.
1789. **Tebano (Parrasio)** *Arcadia pictorica en sueño, alegoria ó poema prosaico sobre la teoria y practica de la pintura*. Madrid. Escripção por P. T. pastor Arcade de Roma.
1795. **Huerta (Pedro Garcia de la)** *Com- mentarios de la pintura encaustica del pin- cel*. Madrid.
1822. **Eusebi (Luis)** *Ensayo sobre las diferentes escuelas de pintura*. Madrid.
- IV. Ourivesaria e Joialheria
1569. **Vargas (Bernardo Perez de)** *De re metalica* en el qual se tratan muchos y diversos secretos del conocimiento de toda suerte de minerales, de como se deven buscar ensayar y beneficiar, con otros secretos e industrias notables para los que tratan los officios de oro, plata, cobre, estano, plomo, azero, hierro y otros metales. Madrid, no frontispicio diz 1569; no fim 1568. Salvá II, pag. 368.
1572. **Arphe de Villafañe (Juan)** *Quilatador de la plata, oro y piedras*. Valhadolid; 2.^o ed. 1598, muito augmentada; 3.^o ed. 1678, a qual é uma reproduccão das duas anteriores, e por isso mui estimada.
1585. **Arphe y Villafañe (Juan)** *Escultor de Oro y Plata. De varia commensuracion para la Esculptura y Arquitectura*. Sevilla, 1585; no fim do 3.^o livro diz 1587, anno em que foi posta á venda. Ha edições posteriores de 1675, 1734, 1773, 1795, 1806; esta ultima em 2 vol. Murillo menciona-as todas, menos as de 1675 e 1734, que se acham em Salvá; na de 1773 poz Murillo a nota: 6.^o ed., augmentada por Pedro Enguera; na de 1795 a nota 7.^o ed.; na de 1806 a nota: ultima edição, augmentada por Josef Assensio y Torres, que Stirling diz ser a 8.^o -- Deve pois haver entre as edições de 1585 (aliás 1587) e a de 1773, mais duas, além das de 1675 e 1734, cujas datas não pudemos encontrar. Nicolau Antonio cita uma ed. de 1589 em Sevilla, que Salvá julga duvidosa. A ed. de 1734, que no fim diz 1733, e que é citada por Salvá, como sendo a 4.^o, já contém os aditamentos de Enguera. Em conclusão: são, ao todo, oito edições d'esta importantissima obra. Na Bibliotheca do Porto ha ed. tanto do *Escultor*, como do *Quilatador*. Vid. para a Bibliographia: *Noticias* IV pag. 101-103; *Dicc.* I, pag. 59 Salvá II pag. 357-359; Stirling; Murillo n.^{os} 32, 1515, 2065, 2066 e 2220.
1587. **O mesmo.** *Descripcion de la traça y ornato de la custodia de Plata de la Sancta Iglesia de Sevilla*. Sevilla. Com grav. e retrato do autor. Cean Bermudez reeditou este opusculo em 1800 (*Dicc.* I pag. 60-63) de um modo incompleto; tambem não é completa a reimpressão de Ponz *Viage de España* vol. IX pag. 57. Zarco del Valle publicou o completo na Revista *El arte en Espana* vol. III pag. 174-196. Vid. no *Museu espanol de antiguedades* vol. VIII o estudo de Rosell y Torres, sobre a custodia de Arphe. Insistimos, muito de proposito, n'este opusculo, para provar a importancia que ligaram em Hespanha á obra prima de Arphe, e mostrar que o artista tinha a consciencia plena do seu valor, a gloria e a posição social.
1597. **Belveder (Juan de)** *Libro general* de las reducciones de plata, y oro de diferentes leyes y pesos, de menor á mayor cantidad, y de sus intereses á tanto por ciento, con otras reglas etc. Lima (Peru-America).
1611. **Pragmatica** y nueva orden, cerca de las colgaduras de casas, y hechura de joyas de oro y piedras, y pieças de plata, y en la forma que se han de hazer labrar, y traer, y otras cosas. Madrid. Importante, porque foi tambem lei em Portugal.
1623. **Castillo (Juan Fernandez del)** *Tratado de ensayadores*. Madrid.
1640. **Barba (Alvaro Alonso)** *Arte de los metales*, en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro, y plata por azogue. El modo de fundirlos todos etc. Madrid. 2.^o ed. Madrid, 1770, com o tratado de las antiguas minas de Espana que escribió **D. Alonso Carillo y Laso**.
1643. **Montalvo (Luiz Berrio de)** *Informe* del lic. Don L. B. de M. del nuevo beneficio que se ha dado a los metales ordinarios de plata por azogue, y philosophia natural a que reduce el methodo y arte de la mineria, para escusar a todos la perdida y consumido de azogue etc. Mexico.

1700. **Plateros.** Apologia historico-politica de la antigüedad y nobleza del arte insigne y liberal de Plateros, con los establecimientos y ordenanzas esenciales para su puntual ejercicio y observancia precisa de las leyes del oro y de la plata en todos los reynos de España. (Dada á luz pela confraria de Santo Eloy no anno de 1700). Madrid, 1804. Fol. XII-37 pag.
1781. **Saenz Diez (D. Martín Diego)** Manual de joyeros, con la teórica e práctica para con brevedad sacar la cuenta del valor en que se venden y compran los diamantes y demas piedras preciosas; y tambien el oro y la plata. Madrid; grosso vol. de LVI-712 pag. (!).

V Biographia

1715. **Palomino (Antonio Palomino y Velasco)** mais conhecido pelo nome que preferimos. *El museo pictorico y escala optica.* Tomo I. *Theorica de la pintura* en que se describe su origen, essencia, especies, y qualidades, con todos los demas accidentes etc. Madrid, 1715, tomo II. *Practica de la Pintura* (sobre os diferentes processos de pintar), Madrid, 1724; o frontispicio gravado diz 1723; ambos os volumes teem dois frontispicios, um gravado e o outro impresso. A pag. 231 d'este tomo II começa o tomo III, com paginação seguida até 498 e o titulo *El Parnaso español pintoresco laureado* tomo III con las vidas de los pintores, y estatuarios eminentes españoles... y de aquellos extranjeros etc. Madrid, 1724. Este tomô III anda sempre ligado ao II, formando a obra apenas dois volumes folio. Collecção do autor. Obra importante, escripta em 1715(!) quando em Portugal ninguém sonhava sequer na biographia dos nossos artistas.
1742. **Palomino (Antonio Palomino y Velasco)** *Las vidas de los pintores y estatuarios españoles* que con sus heroicas obras... y de aquellos extranjeros illustres, que han concurrido en estas provincias etc. Londres, 1742, 8.º E' um extracto da obra antecedente (3.º parte) Collecção do autor. Ha uma traducção franceza Paris, 1749, que tambien possuímos.
1788. **Silva (A. Rejon de)** *Diccionario de las nobles artes* para instruccion de los aficionados, y uso de los profesores. Contiene todos los terminos y frases facultativas de la Pintura, Escultura, Arquitectura y grabado, y los de Albañileria ó Construccion, Carpinteria etc. Segovia, 4.º de V-217 pag.
- 1800 **Cean Bermudez (Juan Agustín)** *Diccionario historico de los mas illustres profesores de las Bellas Artes en España.* Madrid, 1800. Em 6 vol 8.º Esta obra do benemerito auctor, que é indispensavel para o estudo da historia da arte na peninsula, foi publicada pela Academia Real de S. Fernando. Comprehende os *Illuminadores, Escultores, Pintores, Plateros, Vidrieros, Rejeros, Bordadores y Grabadores en dulce y en*

hueco. Exclue, portanto, os *arquitectos*, cuja historia tem de ser estudada na obra que Cean Bermudez publicou conjunctamente com Llaguno y Amirola em 1829, e na de Caveda.

1839. **Furió (A.)** *Diccionario histórico de los illustres profesores de las Bellas Artes en Mallorca.* Palma, 8.º VIII-292 pag.

VI. Esthetica e Philosophia da arte

1549. **(Varchi (Benedetto))** Vid. abaixo 1753. Leccion.
1600. **Rios (Gaspar Gutierrez de los)** *Noticia general para la estimacion de las artes* y de la manera en que se conocen las liberales de las que son mecánicas y serviles etc. Madrid.
1753. **Varchi (Benedetto)** *Leccion* que hizo Benedicto Varqui en la Academia Florentina el tercer Domingo de Quaresma del año 1546. Sobre la primacia de las artes y qual sea mas noble, la *Escultura*, ó la *Pintura* con una carta de Michael Angelo Buonrotti etc. Trad. del italiano por Don Philippe de Castro. Madrid, 1753. A ed. original sahiu em Florença, 1549. Collecção do autor.
1781. **Monteseguro (A. Arteta de)** *Disertacion sobre el aprecio y estimacion que se debe hacer de los artes practicos*, y de los que los ejercen con honradez, inteligencia y aplicacion. Zaragoza.
1786. **Cacho (Celedonio Nicolas de Arce y)** *Conversaciones sobre la escultura*, compendio historico, teorico y pratico de ella. Para mayor ilustracion de los jovenes dedicados a las Bellas Artes de Escultura, Pintura y Arquitectura. Pamplona. E' posvel que seja a obra que o nosso Cyrillo Volkmar Machado publicou, anonyma, em 1794 *Conversações sobre a Pintura, Escultura e Architectura.* Lisboa; sem prologo, nem nome do autor.
1788. **Martinez (Dr. Francisco)** *Introduccion al conocimiento de las Bellas Artes*, ó diccionario manual de pintura, escultura, arquitectura, grabado etc. Madrid.

APPENDICE III

(Vid. nota 31)

Throughout the middle ages Portugal formed one of a number of independent kingdoms into which the Peninsula was divided, and it cannot be said to have been distinguished by any special pre-eminence, stronger spirit of nationality, or greater aptitude for culture than the other states. The same long-enduring struggle with the Mahometan invaders had taken place in Portugal as in most other parts of the Peninsula, and the visible evidences of the sometime domination of the alien race became as strongly impressed on the arts of Portugal as on those of any part of Spain. (1) Apart from extra-

(1) Já aqui temos um erro grave: *as strongly impressed!* Sobre que base assenta o sr. Robinson semelhante asserção? Não sabe o sr. Robinson que os arabes foram definitiva-

neous influences, which manifested themselves at certain periods, and were, from obvious causes, different in the two countries, it may almost be assumed that there is no more real necessity for treating of the art of Portugal as a development apart, than there would be for dealing separately with that of the several provinces of Spain. At a certain period however, Portuguese art did undergo a powerful extraneous influence or fashion of which some account should be given.

The early connection of Portugal with India, where important colonies were ultimately established, in the long run certainly exercised a real and appreciable influence on the decorative and industrial arts of the mother country. Not only at a very early period in the 16th century were objects of Indian art manufacture imported in great numbers into Portugal, but it also seems evident that to a certain extent popular predilection or fashion led to these objects being imitated in the European country. (1) The present exhibition contains many works of this class, amongst these may be specified the well-known Indo-Portuguese inlaid-wood cabinets, caskets, etc, these are believed to have been for the most part made at Goa in the 17th. or 18th. centuries, but it seems highly probable that articles of furniture of this style were also currently made in Lisbon, Oporto, Evora, and other Portuguese towns. But in Portugal the master art — architecture even — at the beginning of the 16th. century, displays marked evidence of the importation and adoption of Indian forms of ornamentation, etc; a notable instance may be cited in the famous «capella imperfeita,» the unfinished chapel attached to the great church of Batalha. That florid and ornate structure displays in fact a most extraordinary mixture of transitional Gothic and Hindoo ornamentation. Some time later in the 16th. century, in the choir of the Jeronymite church at Belem, elephants

mente expulsos de Portugal, do Algarve, em 1249, continuando em Hespanha até 1492, mais dous seculos e meio n'uma posição privilegiada, e depois d'isso, ainda mais de um seculo (até 1610) n'uma posição influente, sob o ponto de vista das artes e officios? Estas datas explicam precisamente a penuria de monumentos mosarabes das artes e das industrias em Portugal. O que viu o sr. Robinson em Portugal? Lisboa, Coimbra e Vizeu, tres cidades em seis dias; não entrou sequer no Alentejo, na provincia que conserva ainda hoje os modestissimos restos das reliquias mosarabes. A Hespanha, porém, está coberta d'ellas; e não são reliquias; são monumentos de primeira ordem, e de todo o genero, architectura religiosa, profana, militar, e numerosissimos trabalhos industriaes, incluindo — note-se bem! — tratados theoreticos e livros de ensino até ao sec. XVII. (Arenas, 1633.)

(1) O sr. Robinson faz nova confusão. Já dissémos e provámos em outro logar (*Album da Exposição districtal de Aveiro*, secção; *Tecidos*) que é mister não fazer novas phantasias a proposito do estylo ou arte *indo-portuguesa*; que ha a distinguir: 1.º Produção das colonias (Goa, etc.) com artifices indigenas, trabalhando por encomendas e desenhos da Europa; 2.º Produção dos colonos semi-indigenas, nascidos de casamentos mixtos; 3.º Produção de artifices semi-indigenas e indigenas trazidos para Lisboa, por especulação, e a pedido da córte; 4.º Produção nacional, em Lisboa, nos conventos e casas de lavor sobre desenhos e modelos orientaes. A questão é pois complexa; façam uma exposição especial d'esses productos, juntando os que existem dispersos pelo paiz e nos museus da Europa, e depois tirem as conclusões.

are introduced as prominent ornamental features. (1) The Emmanuelite style in short, as the peculiar phase is termed which arose during the reign of the great Portuguese monarch, Don Emmanuel (1495-1521, frequently displays this *Indian* influence in the most unmistakable manner.

There is evidence even, that during this period original monuments of Hindoo sculpture of considerable size were brought over to Portugal. At this day in the grounds of the ancient villa of Penha Verde at Cintra, the country house of Don John of Castro, may be seen many specimens of such sculpture brought home by the great navigator. (2)

(*Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese art*, South Kensington Museum, 1881 na Introdução, pag. 11)

APPENDICE IV

(*Vid. nota 33*)

Antonio Prestes. *Auto da Ave-Maria* ed. de Tito de Noronha, Porto, 1871, pag. 67-76.

Figuram entre outras pessoas, as seguintes: *Bom propozito*, que é mestre d'obras; *Bom trabalho*, *Bom serviço* e *Bom cuidado* que são pedreiros.

Entra o Diabo, *vestido à italiana*, que vem enganar o cavalleiro, e diz:

Y porque aficionado
fuy mucho a su exercicio,
a ver, señor, he llegado
lo que ha edificado.

**Mestre
Diabo**

Entende d'isto?
De *ab incio*
algo se me entiendo d'isto.

**Mestre
Diabo**

De architecto?
Si Señor, yo vos prometo
que del no me queda el resto.

**Cavalleiro
Diabo**

Saiba que é saber discreto.
Mas que Cicero se llama,
es quanto loor le den
y mas musico que quien?
que Aristogeno, la fama
de Miron, es del tambien.

(1) Onde é que o sr. Robinson viu tal cousa? Faltava só isto: os elephantes, como motivo de ornamentação, no coro, a concordarem com os macacos do Ganges, e os periquitos do Brazil, descobertos por Mr. Quinet.

(2) Os *many specimens* reduzem-se a tres! E eram tres apenas, em 1789. É assim que falla o sr. Robinson, que devia ter aberto o livro do seu patricio Murphy, o primeiro auctor que deu noticia desenvolvida das antiguidades indianas da Quinta da Penha Verde: são duas inscrições em sanscrito, uma das quaes tem alguns relevos de figura: a terceira representava «un centaure à qui il manque la tête et que j'ai trouvé d'un travail passable. Ces trois monuments sont les restes des curiosités apportées d'Asie» (*Voyage en Portugal dans les années 1789 et 1790*, traduit de l'Anglais de Jacques Murphy, Paris, 1797, vol. II pag. 229). O sr. Visconde de Juromenha, que escreveu a respeito das inscrições em 1838 (*Cintra pinturesca* pag. 60 e seg) já não falla do centauro. O sr. Robinson esteve em Portugal só em novembro de 1865. É preciso muita phantasia para architectar uma theoria da influencia da esculptura indiana sobre semelhantes curiosidades. De passagem notaremos, que um fidalgo da casa de Souza, então enviado na Suecia, affirmou a Murphy que as antigualhas indianas haviam sido trazidas da India pelo Vice-rei D. Constantino de Bragança em 1566. Lafiteau. (*Histoire des découvertes et conquêtes des Portugais*, Paris, 1734, 4 vol.) attribue a importação a Diogo do Couto.

Cavalleiro
Mestre
Cavalleiro
Mestre
Cavalleiro
Diabo

Ha edificios, tengo andado
 para velos
 todo el orbe, y soy de hazellos
 maestro, he edificado
 por Roma, Italia, hartos d'ellos.
 Foi invenção soberana.
 Alegram se n'ella cegos.
 Esta invenção de quem mana?
 De Grecia.

Foi graciana.

Los primeros fueron gregos;
 despues de labrada en Grecia
 hizo Roma

d'ella su romana poma;
 y desde entonce la Persia.
 Sabe d'ella o que soma?
 Yo sé las columnas doricadas,
 y corinthias, y sé mas,
 las ionicas de la paz,
 de la guerra las theoricas;
 sus talles, basas, compas:
 pero aca su manicordio,
 sus retoricas,
 siguen otras metafóricas
 adversas de su exordio;
 por las corinthias las doricadas,
 doricadas por las theoricas,
 ionicadas por las toscanas,
 las toscanas por las ionicadas;
 no sabeis do estan las doricadas,
 ni corinthias, todas vanas.

La misma transmigracion
 van pedestales
 mezclados, los principales
 con los que no fue razon
 que llegassen a ser tales.
 Mas, señor, los capiteles
 sin los frisos, arquitraves,
 frontespicios sin conclaves
 pintan todo el triste Apéles
 que se muera a siete llaves:
 el punto desto se calla,
 y el tiempo ensaya
 que no passe de la raya
 do voluntades la talla
 es el juzgo de mas vaya.

Por la qual razon, motivo,
 si aca en la arquitetura
 quieren obra limpia y pura
 yo la sé, yo la rebivo
 adó muere su escriptura.
 E a prova d'ella?

Cavalleiro
Diabo

En toscano

muy a la suma
 la escrevi, al no presuma;
 della el gran Sebastiano
 fue la tinta, yo la pluma.
 Y en siglos de edad dorada
 por Villalpando en España
 fue traduzida y sacada
 del toscano; es sublimada
 su traducion, cosa estraña.
 Haveis algo edificado
 de arquitetura?

Cavalleiro
Diabo

Y quien fue sue compostura,
 su mosayco, su labrado,
 su alabastro, su pintura?
 Yo, señor, edifique

un templo, loor y fiesta
 de Minerva, y le labré
 de bronze metal, y fue
 la maxima; otro a Vesta
 labré de los principales
 que he labrado,
 en el qual fue celebrado
 de las virgenes Vestales
 por su dios he edificado:
 otro a las mil maravilhas
 a la Cobdicia, tan bueno
 que es vergel de lo terreno
 dó hazen muchas capillas
 los del suyo, e del ageno:
 labré a la Sin-justicia,
 Sin-sentencia,
 otro de summa excellencia
 de dos naves, *amccicia*
 la una, la otra *aderencia*.
 Otro a Bacho, de ornamentos
 de sublime ornamentario,
 de lindos compartimentos,
 al qual llaman los sedientos
 sacro templo Bacanario;
 alli los Bachos caudales
 y los otros mas medianos
 y mas chicos
 todos van beber yguales,
 todos beben por sus manos
 y los ricos.

Moço

Assi, senhor, folgo eu
 de vossa mercê saber
 fazer templos de beber:
 fazer isso por bem seu,
 praza a Deus, que esse é o fazer.

Diabo

Epicurios su fortuna,
 su alegria
 alli hazen confraria,
 alli hazen [sol y luna,
 dia, noche; noche, dia.
 El otro antigo edificio
 Pantéon templo romano
 quien le trassó, quien? mi mano:
 quien le labró? mi officio;
 prueba mi Sebastiano.
 Los theatros de Marcello,
 obra altiva,
 los labré de piedra biva;
 en ellos veran mi sello
 si el tiempo no me lo priva.

Bom trabalho
Diabo

Fez isso longe d'aqui?
 Roma, Italia.

Bom trabalho

Olhae as perfias.
 do galego; longas vias
 longas mentiras.

Moço

Bom trabalho

Assi.
 Galegos são más fatias;
 o senhor falla á boa guisa,
 e não revira;
 elles dizem que é mentira
 porque é longe Galiza:
 como estiras a tua tira.

Mestre
Diabo

E a que vem a esta terra?
 Mostrar mi saber, mis manos;
 suena allá que lusitanos
 su gusto, aora se encierra
 en edificios romanos.

Cavalleiro	Eu sou um dos que estão postos n'esse gosto, que não vi melhor composto; hei-o por gôsto dos gôstos, jámais lhe virarei rosto.	tres portales le tracé de mis motivos, tres guardas tiene, que bivos que las miran, ponen fé, que no ay mas superlativos. El debucho de los quales traygo aqui, si quiere vello, hazer le servicio en ello; son figuras naturales, no discrepan un cabello. Mostre m'õ.
Moço	Bofé que sois necessario muito cá por arquiteto; dareis trigo; cá em secreto vos abrirei um almario cá dos meus, o mais discreto, mais perfeito, mais supremo. Sabei, Mestre, que o de fóra, não se adestre mais, aqui tem graça estremo. Tudo o nosso acho silvestré, muito grosseiro; o de lá é mais d'arte, lastra mais no atilado.	Cavalleiro Diabo Moço
Mestre	Somos taes que natureza nos dá estranhos por naturaes: são tão certos os espiritos portuguezes revesarem muitas vezes os gostos, os appetites, que d'hi nacam taes revézes.	De buena gana. Não ha mais, <i>Mostra o debucho</i> se o fez.
Diabo	La origen y juridicion del mejor de allá penetra; puso allá lo bivo, e setra; acá los treslados son no tan perfecta la letra.	Cavalleiro
Bom trabalho	Eu não sei más traquinadas, de lavoeres; mas ha cá arquitetoeres que arquitetam lambusadas, vem picanços, vão açores. Dizem que farão de patos gaviães, de melões trigo, em tanto repimpam o embigo: quando olhaes os pobatos fica o trigo papa-figo.	Mestre, não gabaes? isto é cousa soberana; gentil mão.
Bom serviço	Se esses não achassem cá intérpretes, não seriam elles cacetes.	Mãos tres portaes. Señor, mire la cornija y el remate.
Mestre	Sômos nós, sempre em nós ha pôr por pilotos grumetes.	Habilidade.
Diabo	Señor, que traça, o que lavra ne castillo?	Tem isto grão magestade; por certo que regosija pera que é senão verdade. Isto é bom, está severo. O desenho do que começado tenho, já me afronta, não no quero, o que quero, esta arte, engenho. Mestre, nós façamos conta vós e eu; por escusado hei-o até qui começado.
Mestre Diabo Cavalleiro	Uns tres portaes. Son de arquitetura?	E assi pagam d'essa ponta Bom trabalho, Bom cuidado Bom serviço!
Diabo	Os mais Graves d'ella.	Bom trabalho
Diabo Mestre	Gran palabra; obra tosca?	Bom serviço
Mestre	Não.	Assi escusaes, sem petição.
Cavalleiro	Pues?	Que farão c'o ella na mão! Bem digo eu.
Mestre	Quaes nos melhor cair em graça. Hão se d'abrir d'esta banda.	Ora no mais... Beijae agora o tordião.
Diabo	E não de vir co'estas guardas, emfim traça que mais pera aqui comprir. Um castillo inexpunable hize em Asia que boló, su fama, cosa notable; tan alto, tan admirable como el vano de Nembró;	Moço Mestre
		Já este mal é <i>in eterno</i> ; tempos ha que está em deposito. não ser novo nem moderno, virem a acabar em inferno começos de Bom proposito: inda mal.
		Cavalleiro
		Bom rascunhado de guardar tem estas guardas singular. Vea el modelo labrado quan mas tiene que alabar.
		Diabo
		Em 1879, em as notas ao Ms. de Francisco de Hollanda <i>Da Fabrica que fallece á cidade de Lisboa</i> pag. XII-XIV, chamámos a attenção do publico pela primeira vez para esta passagem do <i>Auto</i> , tão notavel, e apesar d'isso tão esquecida. Interpretámos então o nome <i>Sebastiano</i> , como sendo o de Serlio, cujas obras o theorico hespanhol Vilhalpando traduziu em 1563 (vid. retro, no Appendice II, a citação da lista bibliographica); apontámos para o exemplar da traducção na Bibliotheca do Porto, e emendámos o erro commettido pelo sr. Th. Braga, que datou o <i>Auto</i> de 1530. Dois annos depois copia o sr. Th. Braga, que até alli não havia reparado na citação, a mesma passagem (<i>Arte portugueza na Renascença</i> § 1.º A architectura portugueza <i>Questões de littera-</i>

tura e arte portugueza. Lisboa, 1881, pag. 163,) e acha que o Sebastiano é o Bastiano da San Gallo 1481-1551. (Vid. Vasari *Le vite* vol. XI pag. 200.) Se a questão se resumia apenas em querer contradizer o que é clarissimo, então podia o sr. Th. Braga imaginar outro qualquer architecto da Renascença, e baptizal-o *gran Sebastiano*; como o nome Vilhalpando não lhe convem, passa-o em claro. Visto o § *Architectura portugueza* entrar no dominio d'este nosso Ensaio, sempre diremos que o sr. Th. Braga accumulou alli os arrazoados mais phantasticos; o illustre escriptor teve a habilidade de condensar em 23 paginas os devaneios mais hilariantes que Carmo Velho Barbosa, Agostinho Rebello da Costa, o critico d'arte Garrett, que já conhecemos, etc. espalharam por algumas centenas de paginas. Parece que se está lendo um opusculo do fallecido Abbade de Castro! Compilava assim. O sr. Th. Braga não tem pois a responsabilidade da maior parte das cousas que imprimiu, mas quando põe materiaes de sua casa, diz d'estas: (pag. 162)

«O estylo classico da architectura, no sec. XV e XVI, oppoz á efflorescencia gothica, ao dithyrambo das formas, á floresta de linhas, uma parcimonia de simplicidade, certa pureza e symetria, e uma reprodução das ordens gregas, confundidas e empregadas com arte.» De maneira que o sr. Th. Braga ainda em 1881 ignora o que está provado ha meio seculo: que os architectos da Renascença, sem excepção, conheciam apenas as ordens romanas. O illustre escriptor parece que nunca ouviu fallar no architecto allemão Schinkel (1781-1841), que descobriu as ordens gregas n'este seculo. Um folhetinho muito popular, que anda lá fóra por muitas mãos, diz isso: Alois Hauser. *Ueber Saülenordnungen*. Drei populäre Vorträge. Wien, 1872, 8.º de 60 pag. Ou então consulte um livro vulgar, que existe em quasi todas as nossas bibliothecas: *Entretiens sur l'architecture* de Viollet-le-Duc. Paris, 1863.

No mesmo volume das *Questões* figura depois da *Architectura portugueza* como § 2.º: *Grão-Vasco* — Determinação historica da sua personalidade — 16 pag. e como § 3.º *Gil Vicente* — Ourives e poeta — 36 pag. Em a nota 28 referimo-nos a estes dous capitulos da historia da arte nacional, sobre os quaes estamos publicando trabalhos especiaes. (*A pintura portugueza nos sec. XV e XVI* Porto, 1881. *A custodia de Belem e sua reconstrucção*; ms. inedito; conferencias publicas, feitas em Lisboa em junho de 1882, e no Porto, em outubro de 1883). E' tão impossivel entender o *imbroglio* que o sr. Th. Braga faz com o Grão Vasco, como a fusão do ourives e poeta Gil Vicente. Os srs. Camillo Castello Branco e Brito Rebello desfizeram o segundo castello; não temos aqui tempo para desfazer o primeiro; basta accentuar que ao sr. Th. Braga falta a primeira condição, indispensavel, para tratar de semelhantes assumptos: o estudo por autopsia, não fallando no estudo da historia da arte, a que é extranho; á data em que escreveu, não tinha visto nem os quadros de Vizeu nem os de Thomar, nem os de Setubal, nem os de Evora etc.; como não tinha visto a custodia de Belem Isto é duro de dizer, mas é a verdade. A custodia de Belem sahio só uma vez do gabinete de numismatica d'El-Rei (onde se acha) para Paris, em 1867, e na primavera de 1882 para a Exposição de arte ornamental de Lisboa.

Ora o sr. Th. Braga nunca foi a Paris nem ao gabinete, antes de 1881, e escreveu o seu estudo perante o *cliché* da revista *Artes e Letras*.

Por isto se vê que os poetas nacionaes pouco aprenderam em historia da arte desde 1846, desde o *fundo normando* e o *episodio moirisco* de Almeida Garrett (vid. a citação, no texto da conferencia) até á floresta de linhas do sr. Th. Braga.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MONUMENTOS NACIONAES

Extracto do Relatório da Comissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Ill.º e Ex.º Sr. Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria, em 1884, pelo presidente da referida comissão, que foi auctorizado a fazer esta publicação.

Em portaria de 29 de dezembro de 1881 do Ministerio das Obras Publicas fui nomeado para a comissão incumbida de tomar conhecimento do estado em que se acham os monumentos nacionaes, para levantar as plantas, medir e desenhlar as fachadas e córtes dos edificios publicos e dos monumentos do reino.

Em virtude da auctorisacção concedida pelo ex.º Ministro, requisitei o pessoal que julguei necessario para dar começo a esses trabalhos, isto é, um secretario, dois desenhadores praticos em architectura civil, e um servente. Posto que um

tão limitado pessoal e um tão avultado numero de desenhos de demorada execucao, não seria sufficiente para cabal desempenho da mesma commissão, entretanto, reservei-me propôr o seu augmento, logo que o desenvolvimento d'este serviço o exigisse.

Foram apresentados com as respectivas guias, no dia 24 de janeiro de 1882, dois empregados da repartição das Obras Publicas, os srs. Francisco Maria Pereira Heitor de Macedo, conductor de 2.ª classe, e João Lino de Carvalho, conductor auxiliar.

O sr. Heitor de Macedo tendo recebido ordem superior para outro serviço, por esse motivo requisitou-se outro desenhador para supprir a falta do que fóra exonerado, e apresentou-se n'esta commissão o sr. Francisco Corrêa Leotte Junior, conductor de 2.ª classe, em 9 de março do mesmo.

Conforme a classificação dos edificios e monu-

mentos nacionaes que foi publicada no *Diario do Governo* n.º 62 de 19 de março de 1881, julguei conveniente começar os trabalhos a meu cargo pelos edificios considerados de primeira classe, dando a preferencia áquelles que houvesse na capital do reino. Foi, portanto, em Lisboa que os nossos trabalhos principiaram, escolhendo o mais antigo que pela sua cathogoria era o primeiro a ser medido e desenhado, e o primeiro a entrar na colleção architectonica do archivo dos monumentos nacionaes. Inaugurámos na cathedral de Lisboa esses trabalhos no dia 3 de fevereiro de 1882.

Com o intuito de se poder avaliar melhor a importancia architectural de cada edificio ou monumento, convinha que as plantas fossem levantadas na mesma escala, porque da sua comparação viria a reconhecer-se, por um simples relance, qual a sua grandeza relativa.

Assim designei a escala de 0,^m05 por metro para as plantas, e o duplo para os alçados e córtes, afim de que os perfis das molduras e o contorno e detalhes das ornamentações ficassem bem distinctos, e sobresaisse em tudo o estylo architectonico, pois é elle que caracteriza o typo adoptado e nos dá a mais perfeita idéa do valor e do merito do architecto. Todavia, ainda que pareça demasiada a escala escolhida, confio que o ex.^{mo} Ministro não a reprovará, pela evidente utilidade da sua applicação aos monumentos nacionaes.

Em virtude do officio que tive a honra de dirigir ao ex.^{mo} Ministro das Obras Publicas para que pelo Ministerio do Reino se fizesse communição aos srs. governadores civis de que as camaras municipaes do paiz seriam consultadas pela commissão ácerca dos edificios publicos de seus concelhos, e das antiguidades historicas que n'elles houvesse. Consta-me que essa participação se fez a todos os municipios do reino.

Para se colherem os indispensaveis esclarecimentos, fiz expedir circulares acompanhadas de um questionario, doc. n.º 1, não só para verificar o que já se achava mencionado no relatorio apresentado pela Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, mas para ser informado mais circumstanciadamente a respeito de quasquer antiguidades, cuja ex'stencia não fosse bem conhecida ou pouco divulgada.

De 138, aos quaes enviei questionarios, sómente responderam 33 municipios! — entre os quaes merecem especial menção os de Evora, Villa Viçosa, Coimbra, Vianna do Castello, Alemquer, Setubal e de Santo Thyrsó pelas minuciosas informações archeologicas com que satisfizeram ao meu ardente empenho, testemunhando que se importavam com este serviço publico, pelo que me apressei a endereçar-lhes o meu caloroso agradecimento.

Para dar o maior impulso aos trabalhos d'esta commissão, logo que os desenhadores concluíram as medições e fizeram os desenhos da planta geral da igreja da Sé, dividi a tarefa de cada um, determinei que o empregado Leotte continuasse a

tirar as medições e a fazer o desenho da fachada da dita cathedral, e que o empregado Lino passasse para o levantamento da planta geral da igreja e dos claustros de S. Vicente de Fóra, monumento igualmente notavel por sua architectura, antiguidade e origem historica de sua situação, e que estava comprehendido tambem na 1.^a classe da classificação referida.

O desenhador Leotte deixou incompleto o seu desenho a limpo do alçado da Sé, porque foi requisitado para outro serviço; e devo respeitosa-mente dizer que estas mudanças do pessoal, em trabalhos d'esta ordem, causam sempre transtorno, porque, por muito habil que seja o empregado, que venha substituir o que já estava, é difficilimo que entre em minucias, de que o substituido tinha notas ou esboços, pois não foi o novo funcionario que visitou, examinou e mediu o edificio. Além d'isso, os desenhos não de apresentar desigualdades, e o trabalho atraza-se.

Seria, pois, para desejar, que não se repetissem as substituições inesperadas dos empregados, quando elles estejam entregues a trabalhos seguidos e importantes, tanto mais quando pode vir d'ahi certa depreciação no resultado dos esforços que a commissão tem empregado. Para o substituir veiu o apontador de 2.^a classe, Francisco Soares O'Sulivand no dia 5 de Novembro de 1882, ao qual encarreguei de medir e fazer o córte longitudinal da referida cathedral, afim de completar os desenhos d'este monumento, o que executou com todo o esmero, e terminou em 19 de maio de 1883: e por esta occasião tive a honra de propôr este empregado ao Ex.^{mo} Ministro para ser admittido como desenhador das Obras Publicas, ao que S. Ex.^a teve a bondade de deferir (documento n.º 2).

Tendo o empregado Lino acabado de levantar e feito o desenho da planta geral da igreja de S. Vicente, passou a medir o alçado da frente principal do mesmo edificio, e n'esse trabalho empregou bastante tempo, por ser difficil tomar as alturas de tão elevado templo, e dos seus detalhes,

Encarreguei-o em seguida de proceder ao desenho e medição do córte longitudinal, para o que precisou ainda mais tempo, visto que as medições para esse trabalho internamente offereciam maiores obstaculos, por não haver andaimes, sobre tudo no logar da cupula, nem serventia para o madeiramento, sendo preciso para se vér o systema da construcção levantar-se parte do telhado. Este conductor auxiliar não pôde concluir o desenho do córte, por lhe faltar a pratica sufficiente, nem podia desenhar os ornatos dos capitais e dos altares, e as esculpturas da ornamentação da fachada principal, foi incumbido o desenhador O'Sulivand de as executar. Este empregado não pôde, todavia, desde logo occupar-se d'ellas, por estar então levantando a planta geral da Basilica do Convento Novo do Coração de Jesus, á Estrella, e sem ter concluido não quiz que tomasse conta

de outro desenho, pois ha certa ordem de medições que não convém suspender-as para o seu mais correcto andamento.

Para utilisar o desenhador Lino, resolvi que levantasse a planta geral do Real Theatro de S. Carlos, por ser a architectura d'este edificio menos complicada para elle a desenhar, sem necessitar de ajudante. Concluiu a planta geral e continua a fazer o alçado da frente principal, e depois fará o cóрте longitudinal, sendo este o mais essencial em todos os projectos, posto que seja tambem preciso o outro cóрте transversal afim de ficar completo o risco e conhecer-se melhor o systema da sua construcção; todavia reservou o mais facil, auxiliando-se das plantas e córtes longitudinaes, para trabalho de gabinete no inverno, por não permittir esta estação fazer medições externas nos edificios. O empregado O'Sullivan acabou a planta geral do Convento Novo da Estrella, e está concluindo o cóрте da igreja de S. Vicente, tirando a copia de toda a sua ornamentação em maior escala, para reduzir com mais fidelidade, bem como as collossaes estatuas que decoram o magestoso baldaquino da capella-mór; mas, como é doente, vê-se forçado a interromper por vezes os seus trabalhos; apesar d'isso tem-os quasi terminados e julgo-o merecedor de louvores pela sua applicação e bom desempenho d'este serviço.

A planta geral do Convento Novo não pôde ser feita mais rapidamente, porque, para se entrar na clausura, era o desenhador obrigado a esperar o dia em que lhe concediam entrar n'aquelle asylo religioso, e por ter tambem coincido a prohibição do Eminentissimo Patriarcha, pois não tinha já validade a licença que eu obtivera em 1858, para entrar em todos os conventos para as minhas investigações archeologicas, auctorisação a que não se marcava limite. Aguardei pois reformar essa licença, o que S. Eminencia houve por bem acceder, marcando-lhe uma vez por mez; mas como esta concessão tornava muito demorados os trabalhos da commissão, solicitei que se prorrogasse tal licença e só consegui não fosse além de um dia por semana! Apesar de ser muito grande a superficie que abrangem as construcções de tão vasto edificio, que exigia muitos dias para as medições; contudo está prompta a planta geral e logo que o desenhador encarregado haja terminado os córtes da igreja de S. Vicente, e desenhado o outro cóрте transversal do mesmo edificio, o qual deverá tambem incluir n'elle o cóрте longitudinal da bella, rica e primorosa sacristia, por ficar situada na direcção da linha central do cruzeiro da referida igreja; esse desenho offerecerá á admiração a elegante architectura da sacristia sendo uma das de mais vistosa decoração d'este typo, que possui Portugal e é muito para sentir que não tenha luz sufficiente para se contemplar a belleza da obra de mosaico que ali existe. Julgo que com pequeno dispendio e sem defeito da arte, poder-se-hia evitar a escuridão que lhe faz

perder o merecimento nos detalhes e no conjunto.

.....
Esta especial construcção é quasi desconhecida do publico, e acredito que pequeno numero de pessoas em Portugal têm contemplado esse exemplar architectonico. Os estudiosos e amadores de Bellas-Artes, nacionaes e estranhos, estão privados de verem essa obra prima, como já tive a honra de representar a V. Ex.^a, propondo o modo pratico de evitar o defeito indicado.

.....
Mandei copiar pelo empregado Leotte os epitaphios existentes na igreja da Sé, recommendando-lhe o maior cuidado em apresentar a variedade das fórmas de letras, pois além de se conservar a memoria das pessoas ás quaes se referem, será isso tambem de utilidade para o estudo archeologico, porque o feitio dos caracteres serve de guia para se conhecer a era em que foram gravados. Ficariam d'este modo mais completos os estudos artisticos d'este antigo monumento historico. O desenhador satisfaz com attenção ao que esperava d'elle.

No alçado da frente principal da igreja da Sé notar-se-ha uma pequena alteração que mandei fazer, pelas seguintes considerações: que deveria surprehender se ficasse representado no desenho o enxerto do gradimento e das portinhas exóticas figurando como parte d'architectura d'este templo, que foram construidas modernamente entre as duas torres por cima do portal principal, não só porque alterava do modo mais insolito o aspecto primitivo da edificação d'aquelle monumento, mas patenteava a falta de criterio e o desconhecimento dos mais elementares preceitos archeologicos seguidos por todos os architectos que sabem desempenhar com acerto a sua nobre profissão. Posto que eu tivesse tido a ousadia, na occasião em que procediam áquelle desacerto, de ponderar ao então Intendente das Obras Publicas, José Bento de Sousa Fava, o anachronismo de semelhante obra em tão venerando e principal monumento da capital; obistou a que podessem fazer desaparecer aquella incoherencia architectonica não auctorisarem a despeza a mais de cem mil réis! Repugnava-me bastante que ficasse archivada semelhante alteração e até de futuro, quem visse o alçado, com tão grave defeito, julgaria que ao artista, que delineara esse grandioso edificio medieval faltavam os conhecimentos architectonicos, e por isso incorrera n'um reprehensivel erro, e a sua memoria ficaria deslustrada sem razão. Expuz, portanto, ao ex.^{mo} sr. Conselheiro Joaquim Simões Margiochy, actual Director Geral das Obras Publicas, o meu intento de supprimir aquelle disparatado accessorio, ao que este illustrado chefe annuiu, approvando a idéa; mas para que se não inutilisasse a moderna varanda nos dias de festas solemnes, mandei substituir no desenho do alçado o referido gradeamento por um apoio de cantaria,

imitando o que existe na parte superior do edificio e que limita o centro da fachada por cima do portal: assim dei mais conformidade á alteração do risco primitivo.

No córte longitudinal d'esta fabrica ainda se poderá notar uma omissão, isto é, na parte que devia representar o espaço reservado do antigo claustro, não apparecer indicada a especie de nicho, ou cazinholha moderna, arranjada no recanto norte, e onde se revestem os conegos do Cabido, conforme está indicado no respectivo logar da planta geral d'este edificio. Dá-se esta omissão por causa igual á que indiquei quando me referi á varanda da fachada, afim de não ficarem encobertas as antigas arcarias que decoravam o primitivo claustro, e que unicamente n'este lado do edificio resistiram ás oscillações do grande terramoto de 1755, ficando os outros lados destruidos.

Era pois preferivel conservar-se o typo de architectura da antiga edificação, como um raro specimen do risco d'esse claustro, e por essa razão a linha central do córte longitudinal desvia-se da sua direcção e representa-se composta por uma linha quebrada, para que a continuação d'ella passe por detraz da insignificante construcção abarracada, a que já me referi, e deixe patente a unica parte d'este claustro que ainda conserva o typo primitivo, embora lhe hajam feito algumas reparações parciaes.

Excursões artisticas e archeologicas no reino

SANTAREM. — Comecei as visitas officiaes e as excursões artisticas pelas provincias do reino, com o intuito não só de verificar a classificação dada aos monumentos nacionaes, mas tambem averiguar até que ponto eram dignas de menção e registro as informações prestadas por algumas camaras municipaes; certificar-me se baviam comprehendido todas as classes de edificios historicos e artisticos, as construcções mais remotas tanto dos romanos como dos arabes e igualmente as prehistoricas; e conhecer o estado de conservação de cada um d'esses monumentos. Dirigi-me para esse fim, primeiramente, a Santarem, e tive a honra de officiar ao ex.^{mo} ministro das Obras Publicas ácerca da restauração da antiga igreja profanada de S. João de Alporão, lastimando a irreflectida maneira como se fizera a obra n'esse antigo edificio, o qual não é de construcção romana como se havia supposto e publicado, mas sim do typo *roman*, ou romanico, um dos melhores especimens que possui Portugal, e por esta valiosa circumstancia merecedor de se conservar intacto o seu character especial de architectura, embora se consolidasse sendo preciso; porém nunca alterar-se ou desfigurar-se, tirando-lhe assim os vestigios da época de sua edificação, a melhor base para testemunhar a origem de sua architectura e ser obra nacional.

No referido officio declarei ter encontrado, n'essa cidade, a antiga igreja de Jesus em perfeito estado de conservação e aceio, devido ao constante zelo da pessoa a quem foi entregue para o culto. É este edificio, de architectura ogival do seculo xiv, digno de se manter a sua conservação, e até por que possui um bellissimo sarcophago de excellente esculptura, talvez o mais bem conservado em todos os nossos edificios religiosos; e por isso, julgo credores de elogio o presidente e os membros da irmandade que cura com tanto zelo no bom estado d'esta especial edificação; digo isto, não só como acto de justiça, mas para servir de estimulo ás pessoas encarregadas de outros edificios publicos, para que haja esmero na sua conservação e aceio.

THOMAR. — Em seguida passei a Thomar, onde visitei o venerando e historico monumento do convento de Christo. Nos corpos de que se compõe esta afamada fabrica de admiravel composição, como já o notára por iniciativa propria, em 1866, para os medir e desenhar, causou-me profunda magua descobrir recentes vandalismos, praticados por mero divertimento, assim como terem augmentado os estragos em certos pontos do edificio, sendo indispensaveis alguns reparos para evitar maior ruina, como tive a honra de representar ao Ex.^{mo} Ministro, o que se poderia fazer com pequena despeza, afim de occultar aos estranhos o modo como eram considerados os monumentos nacionaes e sobretudo este, porque apresenta exemplares de architectura de diferentes épocas, com o typo que lhe é proprio; e ao mesmo tempo testemunha a periciá dos operarios portuguezes n'aquelles remotos tempos, bem como o talento dos architectos que delinearam o risco para a construcção de tão grandiosa fabrica. Solicitei, portanto, que se attendesse á minha representação pelas rasões expostas.

COIMBRA. — Dirigi-me depois a Coimbra, onde, em 1861, podera apreciar os seus edificios antigos, tão interessantes pela sua architectura, como pelas suas recordações historicas. Fui ver primeiramente a magestosa igreja da Sé Velha, velha, não só pela época da sua construcção, velha tambem pelo seu estado de ruina! Quem contemplar o imponente portal principal d'este venerando edificio religioso, e observar hoje o aspecto vergonhoso e desmoronado da entrada para o templo, em que os capiteis das doze columnas que decoravam o portal estão suspensos no ar, como se quizessem protestar contra a falta de apoio que deviam ter, e observar o corroido das arestas dos resaltos das caixas em que figuravam, e a sua porta de boa madeira estallada por se não lhe ter renovado a pintura ha muitos annos, não poderá deixar de lastimar e censurar, por mais indifferente que seja ao apreço das bellas-artes, a incuria, o desleixo e o abandono a que tem chegado esse edificio! Como não podia ficar silencioso, cumpro o meu dever revelando estas penosas impressões.

Quando, em 1861, tirei uma vista photogra-

phica d'esse mesmo portal, só lhe faltava uma columna, e ainda vi o seu fúste sobre o patamar da torre, fúste que parecia ali aguardar a occasião de ser posto no seu logar, pois estava arrecadado. Na minha visita em 1882, já lá não o conservavam. Informei d'isto o Ex.^{mo} Ministro, instando para que se dignasse mandar compôr o portal de tão importante monumento, afim de que não permanecesse pôr mais tempo em similhante ruina. S. Ex.^a determinou se fizesse o orçamento d'essa reparação, porém até o presente ainda não principiaram os trabalhos.

Este monumento, pelo seu distincto character religioso e especial typo architectonico, posto que não seja de construcção do tempo dos Godos, segundo se acreditava e eu já em 1862 tive occasião de refutar tal origem, pertence ao principio da monarchia, como está visível na sua especial edificação e nos signaes gravados na cantaria, e era de uso nas construcções no XII seculo; opinião o que vejo hoje accete pelos tres illustres filhos da Universidade de Coimbra e archeologos distinctos, que responderam ao questionario da comissão, que a Camara Municipal d'aquella cidade lhes enviou. Ora esta origem, por ser mais moderna, não lhe tira por forma alguma o valor artistico; pelo contrario, a meu vér, cresce de importancia, porque é um dos monumentos nacionaes mais antigos e mostra trabalho feito n'aquella época em Portugal. S. Ex.^a o Ministro das Obras Publicas não deixará de determinar, emfim, definitivamente se proceda áquella urgente reparação.

.....
 PORTO. — Segui de Coimbra para o Porto para tornar a ver os seus curiosos edificios publicos, sendo entre esses o que mais chama a attenção do architecto e do archeologo a antiga igreja de Cedofeita, da qual tinha em 1862 tirado a planta. Constando-me pelo abbade d'esta igreja, que havia a ideia de se augmentar o recinto do templo, o que na verdade seria um grave attentado archeologico alterando-se a primitiva edificação, não só porque iria destruir-se a configuração da traça da sua fundação, mas tambem se lhe tirava o interesse artistico. Vi-me portanto obrigado a officiar ao sr. Ministro das Obras Publicas, expondo o receio de que se realisasse similhante empreza, inepta e absurda, e roguei ao Ex.^{mo} Ministro se servisse obstar a essa ousada obra, que diminuiria a veneração por tão remoto edificio religioso, que está comprehendido na segunda classe dos monumentos nacionaes. Existe gravada em uma lapide, na capella mór d'esta igreja, uma inscripção indicando a era da sua fundação; mas examinando a fórma das letras, vê-se que são de época muito posterior. Perguntei, pois, ao respeitavel abbade se no archivo do edificio existiria porventura algum documento em que se determinasse a fundação; e S. R.^{ma} informou-me que não constava ali cousa alguma a este respeito. Ponderei-lhe o interesse historico e archeologico que dimanava

d'essa averiguação, estando eu convencido da summa importancia de se obter a certeza d'este facto, alcancei do Santissimo Papa Leão XIII, por officioso e benevolo intermedio do Ministro portuguez junto á Curia Romana, que houvesse por bem de attender ao meu empenho, ordenando Sua Santidade que se fizesse minuciosa busca no archivo do Vaticano, (documento n.º 3); afim de se encontrar o original da Bulla do Papa João III, ao qual se refere a inscripção.

Tornando a admirar a grandiosa e sumptuosa escada principal do palacio episcopal do Porto, quiz tambem ver o estado de conservação d'um singular sarcophago ornado de esculpturas em alto relevo, que encontrára em 1861 desprezado, imundo, e até quasi desconhecido dos habitantes, assim como do proprio Prelado, que me declarou não ter noticia d'essa curiosa antigualha, posto que estivesse annexa a um cubiculo no edificio da residencia de S. Ex.^a Representa o dito sarcophago um varão trajando armas brancas, deitado n'uma campa sem epitaphio, mas com a singularidade, no relevo da esculptura da face principal, de representar a ceia de Jesus Christo, tendo o Redemptor o braço á roda do collo de Judas sentado á direita; e figura-se que a pressão d'aquelle braço obriga o Judas a ter a lingua de fóra da bocca! Reclamei então contra o desleixo que se dava com esta rara e singular esculptura, pois nem nacionaes, nem estranhos, poderiam examinal-a e estudal-a.

N'aquella época, n'uma parte fabricavam as aranhas suas teias sem opposição, e n'outra parte, um carpinteiro occupava o logar com o seu banco, fazendo deposito de aparas velhas e ferramentas n'aquelle funerario monumento! Presentemente (1884) póde-se admirar similhante esculptura sem censura para o Cabido, e com aprazimento dos archeologos.

GUARDA. — Proseguindo na minha inspecção artistico-archeologica na provincia da Beira Alta, visitei a cidade da Guarda, onde não conhecia a notavel cathedral, digna de ser examinada, tendo pela sua edificação, como pelo seu estylo ogival, o que constitue um dos melhores templos d'esta architectura em Portugal. Aproveitei o tempo em tirar a planta da igreja, com uma particularidade de requintado amator, que peço desculpa de referir a V. Ex.^a. Procedi a esse trabalho ao ouvir as harmonias do excellente orgão por mim requisitado, porquanto os seus sons, repercutindo nas elevadissimas abobadas, produzem em mim não sei que sensação artistica, figurando-se-me um extraordinario augmento das bellezas que me rodeiam!

Ha um detalhe singular que noto sempre em as naves das antigas igrejas, das quaes tenho levantado as plantas, isto é, que differe entre si alguns decimetros a largura das arcadas dos vãos das naves que dividem o templo, posto que, na distribuição, fiquem todas na respectiva correspondencia!

Este edificio religioso soffreu alterações, como infelizmente tem acontecido a quasi todos do paiz, pela falta de vigilancia e zelo na sua perfeita conservação artistica; bem como pela ignorancia e abusiva arbitrariedade dos Cabidos e Juntas de Parochia, que não sabem respeitar os typos architectonicos das edificações, como a archeologia exige e ensina, tolerando n'ellas enxertos absurdos, phantasias de nenhum gosto e insensatas, vandalismos censuraveis; mandando emfim executar obras e reparos sem previa e competente approvação do respectivo Ministerio das Obras Publicas. Por exemplo, no monumento, de que se trata, observa-se que mandaram collocar um telhado sobre os arcos-botantes que servem de encontro ás altas abobadas da nave principal para lhe assegurar a precisa estabilidade; quando é sabido, e elemental, que esses arcos semi-circulares nunca foram construidos para sustentarem o peso vertical! Lôgo, essa obra que revela extrema ignorancia, arrisca a solidez da fabrica, e destroe um dos principaes caracteres da architectura ogival.

Simplesmente, os telhados vieram tirar a luz á igreja, porque as janellas que lhes davam claridade ficaram tapadas por se ter coberto o terrado das naves lateraes. Não se pôde ir além, em mau senso.

Constando-me haver, nos suburbios da Guarda, uma modesta igreja mui antiga, que não fôra mencionada na classificação, nem tivera menção nas informações prestadas pela Municipalidade do Concelho da Guarda, dei por bem empregado o incommodo de transitar por maus caminhos, pois encontrei outro exemplar bem caracterizado da architectura do seculo XII, ainda que, em tempos posteriores, tivessem augmentado o recinto sagrado, talvez por causa do desenvolvimento da povoação em remota época, o que está bem patente em mais recente construcção, que já demonstra uma transição para novo estylo, ficando indicado no arco triumphal: comtudo, tanto a sua primitiva construcção, como a circumstancia positiva da transição de architectura romanica para o começo da architectura ogival, deu-me ensejo de officiar, em 1882, ao Ex.^{mo} Ministro, para que este edificio fosse tambem incluído na segunda classe dos monumentos nacionaes.

CALDAS DA RAINHA. — No anno de 1883, fui á Villa das Caldas da Rainha, onde a capella do hospital é tambem notavel pela sua architectura; na occasião do meu passeio pelo reino em 1858, levantei tambem a planta d'esse edificio publico. Havendo representado a administração d'aquelle estabelecimento thermal, quanto era para estranhar terem-se caído as cantarias internas da referida capella, principalmente quando ellas estavam cheias de labores; pedi com instância para que fizessem desaparecer as vergonhosas camadas de cal, e deram-me por desculpa, que não sabiam o modo de lavar a cantaria!

Indiquei a maneira pratica de o fazerem na es-

perança de que o meu pedido seria attendido como merecia.

(Continua.)

J. P. N. DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 55

NOVA CLASSIFICAÇÃO DAS IDADES DA PEDRA

Em toda a parte se encontram vestigios da idade da pedra, tendo sido confirmado que os instrumentos de pedra foram usados por todas as populações prehistoricas. Para os classificar marcaram-se dois periodos, o da pedra simplesmente talhada, a mais antiga, e o da pedra polida, a mais recente. Estas duas divisões foram então designadas com os nomes *paleolithica* (pedra antiga) e *neolithica* (pedra nova).

Pelas observações que se tem feito depois ácerca d'estas duas divisões, reconheceu-se que não caracterisariam sufficientemente as diferentes épocas dos instrumentos de pedra por se haver tomado por base a *fauna*; e que era preciso estabelecer novas divisões sobre dados *industriales* das épocas prehistoricas.

Em consequencia d'essa apreciação, ficará pois o periodo da pedra talhada formando duas grandes subdivisões; e a outra parte do periodo paleolithico, comprehende que os instrumentos de pedra os mais variados, nas subdivisões em tres épocas bem distinctas; ficando portanto estabelecida a nova classificação com cinco épocas a idade da pedra: dando-se a cada época o nome da localidade typica a mais bem conhecida onde foram descobertos esses instrumentos.

Principiando pela mais remota teremos:

1.º *Época de Saint-Acheul*, ou *Acheuléenne*.

2.º *Época de Moustiers*, ou *Moustérienne*.

3.º *Época de Solutré*, ou *Solutréenne*.

4.º *Época de Madeleine*, ou *Magdalénienne*.

5.º *Época de Robenhausien*, ou *Robenhausienne*.

A estampa, que sae com o numero d'este Boletim, mostra o typo *acheuléen* pertencente á *primeira época*, com seis exemplares do feito de diversos instrumentos d'essa estação.

Os typos da *segunda época* estão representados na mesma estampa por sete exemplares de diversos instrumentos, da respectiva localidade, que são designados *Moustériennes*.

Em Portugal acham-se alguns instrumentos prehistoricos em silex, que se assemelham a esses typos das estações mencionadas.

A figura maior d'esta estampa representa uma lança em silex lascada na sua propria grandeza; é um dos raros exemplares descobertos em Portugal e que pertencem á época paleolithica.

J. DA SILVA.

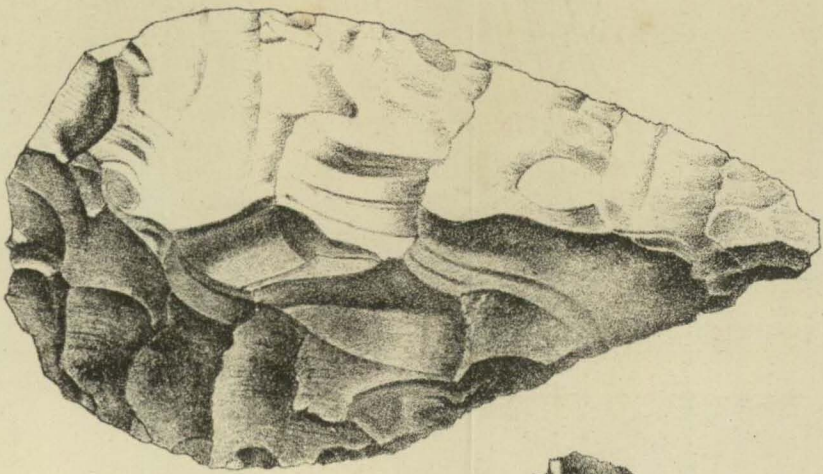


Fig. 1-Ac.

Primeira Época.



Fig. 3-Ac.
Primeira Época.

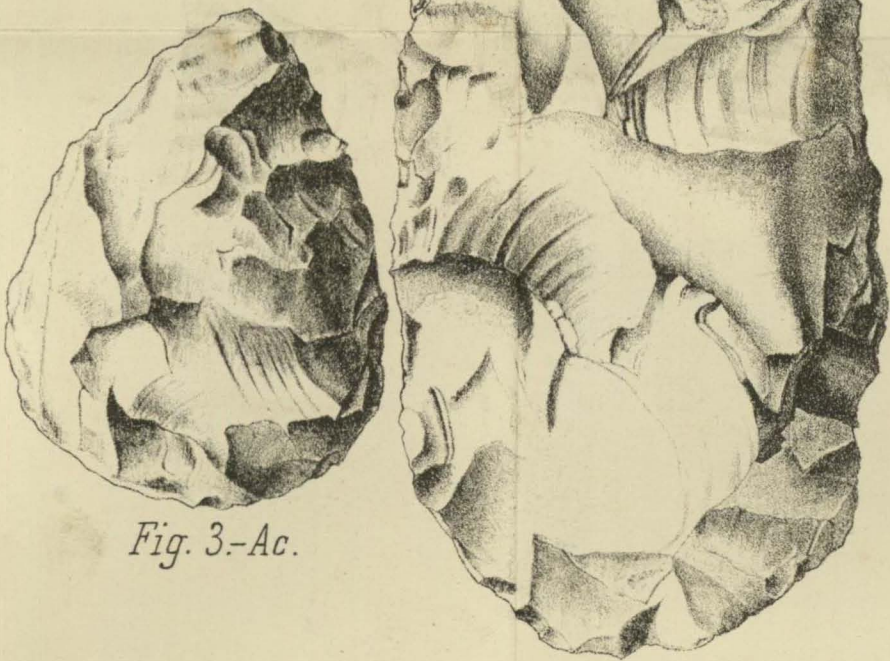


Fig. 3-Ac.

Fig. 2-Ac.

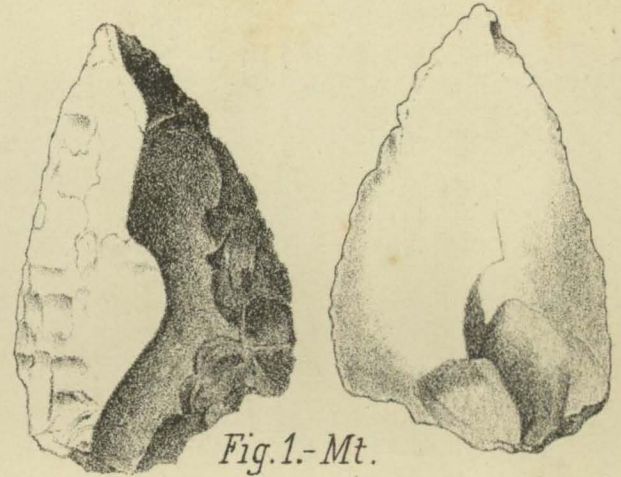


Fig. 1-Mt.
Segunda Época



Fig. 4-Mt.

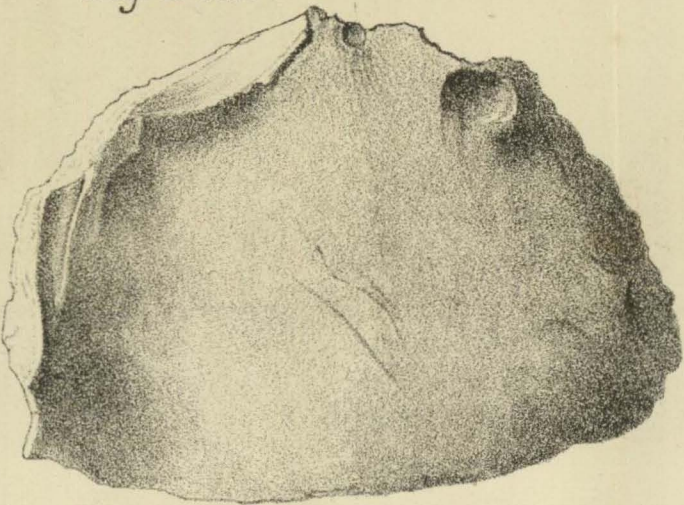
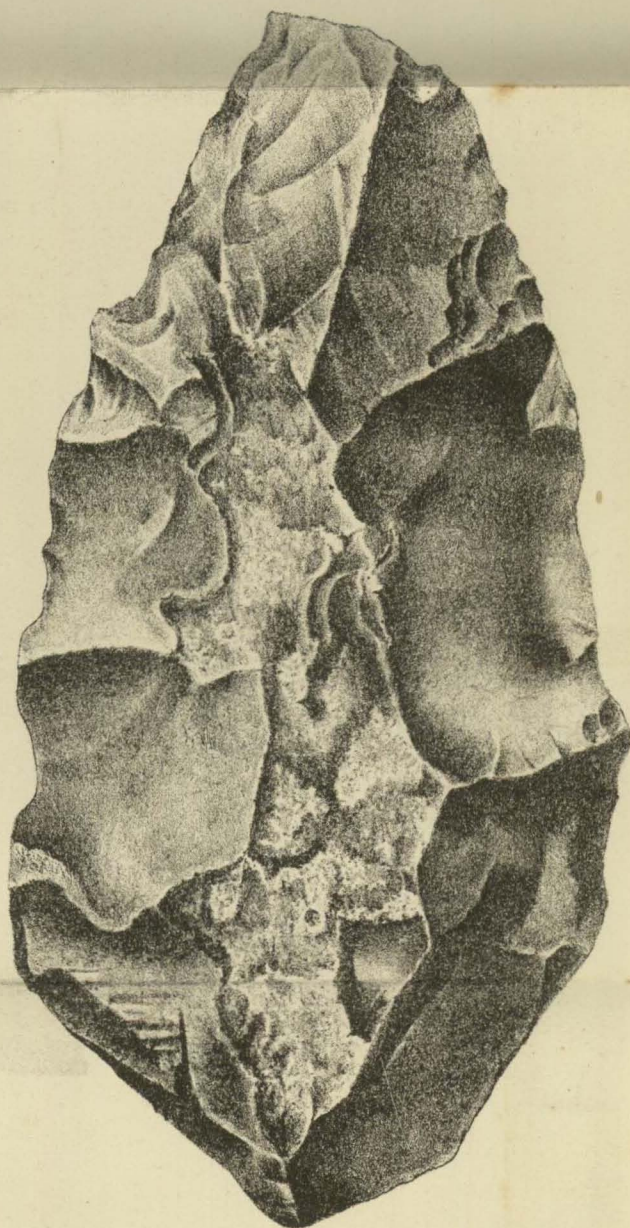


Fig. 5-Mt.
Segunda Época.



Pg.
Primeira Época.

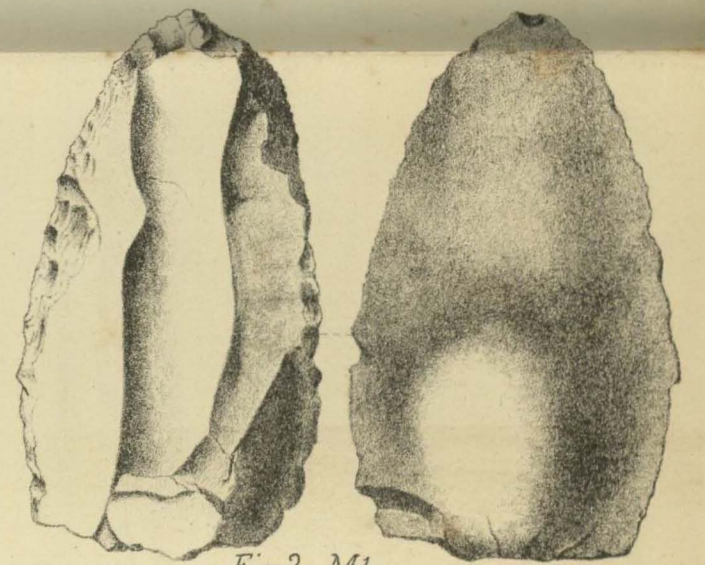


Fig. 3-Mt.
Segunda Época.

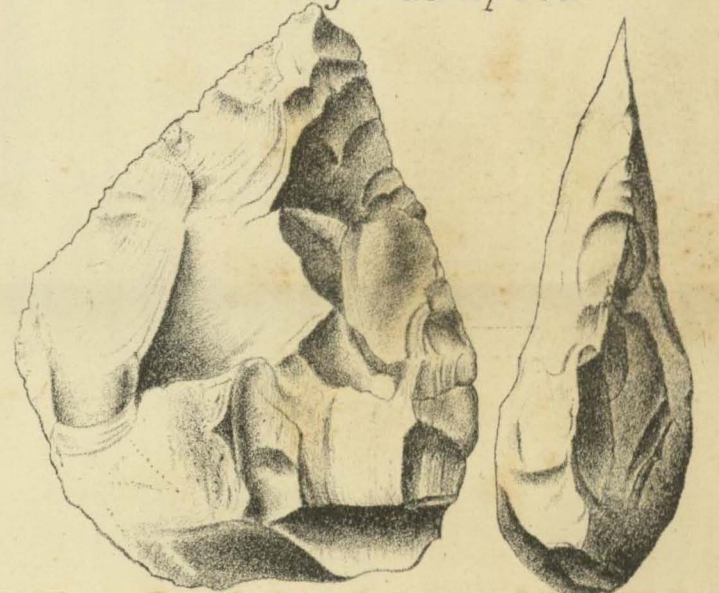


Fig. 2-Mt.

Desde remotas eras, os povos, por mais rudes que fossem, serviram-se de distinctivos entre si; bem como as mulheres de adornos para se enfeitar, os quaes descreveremos opportunamente, e esses adornos nos auxiliaram para se determinar as respectivas épocas.

Na sepultura de então foram postos e conservados os objectos mais estimados pelos que se finaram, e d'ahi veiu o conhecimento e revelação de usos e dos costumes primitivos; pois se encontraram muitos d'esses objectos em perfeito estado, pelos que estudaram as suas formas especiaes, e a sua applicação.

Nas armas defensivas, nas lanças, nas pontas das flexas, nos harpões, nas massas de guerra, nos machados, tanto de pedra como de bronze, dá-se a conhecer qual seria o seu uso.

Estudou-se tambem como eram dispostos os recintos para as suas deliberações sociaes; sendo, pela sua grandiosa superficie e singular construção, compostos de pedras naturaes, motivo para surpresa e veneração; tanto mais, quanto é certo que, apesar de decorridos tantos séculos, tem conservado ainda o seu caracter grandioso e monumental.

Para a descripção das idades do bronze, e do ferro, teremos patentes exemplares e desenhos coloridos, copia fiel de objectos descobertos em diferentes regiões, e representados na sua propria grandeza; os quaes servirão de grande auxilio para que as nossas explicações, ácerca d'estes instrumentos, venham a ser mais facilmente comprehendidas, e proporcionarão egualmente a vantagem de familiarizarem o ouvinte com o seu aspecto, servindo-lhe de guia, quando o descobrirem em outra parte.

Da comparação dos instrumentos de silex entre si, procedentes de varias regiões, com aquelles descobertos em Portugal, poderemos conhecer a que typo pertenceram, relativamente com os outros achados nas outras regiões do Mundo; e, portanto, avaliar o progresso dos primitivos habitantes de cada região.

Este estudo, tão attrahente e instructivo, far-nos-ha avaliar melhor a nossa actual civilização, apreciando como merece o progresso e o aperfeiçoamento da nossa intelligencia, ennobrecendo-nos pelos conhecimentos adquiridos e pelos que transmittiram as gerações extinctas, no caminhar de tão dilatados seculos da existencia humana; fazendo-nos antevêr esse tão grandioso desenvolvimento intellectual, que ainda estarão reservados, para mais assombrosa admiração das gerações futuras, outros sublimes descobrimentos, que infelizmente já não nos será permittido admirar e gozar.

No entretanto gloriemo-nos da superioridade das faculdades intellectuaes a que attingimos.

A humanidade e a civilização não param!

Em seguida á época prehistorica, passaremos a tratar da historia dos differentes typos architectonicos como já referimos, e demonstraremos o seculo a que pertencem, pelos caracteristicos de cada estylo e decoração, etc.

Este estudo é de grande importancia para se obter ás intempestivas restaurações dos monumentos nacionaes, e para se velar pela sua util conservação, pois constituem authenticos testemunhos da historia patria.

Esta succinta introdução dos estudos archeologicos, não é precisamente um programma, é apenas uma breve indicação do desenvolvimento que pensamos em dar-lhes, e para os quaes esperamos e

contamos com a vossa attenção, e confiado de que elles vos hão de interessar e de que aquelles que os frequentarem com boa vontade, assiduidade e applicação, tirarão algum fructo!

D'este modo, não só testemunhareis o vosso desejo em concorrer para o incremento de um ensino muito especial, e muito descuidado em o nosso paiz; mas tambem pensareis, que não vos é indifferente a valiosissima cooperação, que nós todos, os que se propõem a ensinar, e os que podem aprender, recebemos de um Principe Illustrado e patriótico, que tão bizarramente se desvelou para fundar este Curso, que modestamente vamos reger, não fiado no merito que nos falta, mas no nosso desinteressado e intimo desejo, posto que no ultimo quartel da vida, de sermos ainda util aos nossos compatriotas.

O Instituto de França dirigiu ao seu digno socio o sr. Possidonio da Silva um officio, o qual damos na integra, em resposta á participação que lhe fizera o sr. Silva ácerca de se instituir, agora em Portugal, o Curso Elementar de Archeologia pela generosa protecção do Principe Real o sr. D. Carlos.

A maneira honrosa como foi apreciada por tão afamada corporação scientifica de França a acção do Illustrado Principe portuguez, é na verdade a mais lisonjeira para Sua Alteza, e tambem para a nossa nação; pois foi felicitada pelo Instituto de França, pela fundação de um tão util ensino scientifico; assim como congratula-se por ser um dos seus membros, o encarregado d'este Curso: portanto, a Instrucção Publica do nosso paiz póde registrar mais um progresso nos estudos nacionaes, tendo-se recebido tão superior protecção, e tambem merecido uma tão distincta manifestação publica em França.

COPIA DO OFFICIO DO INSTITUTO DE FRANÇA

«Institut de France. Académie des Inscriptions et belles lettres. Paris, le 31 Mars, 1885.

«Le Secrétaire perpétuel de l'Académie à Monsieur le Chevalier da Silva, Membre de l'Institut de France, à Lisbonne.

Monsieur et très honoré confrère L'Académie a été heureuse d'apprendre que Son Altesse le Prince Royal Don Charles de Bragança a fondé un cours d'archéologie dans la Société des architectes et archéologues à Lisbonne, et elle s'applaudit de voir que ce cours vous a été confié.

L'Académie me charge de vous offrir ses félicitations. Agrééz, Monsieur et très honoré confrère, l'assurance de ma haute considération et de mes sentiments dévoués.

(signé) C. Wallon.

No tom. II, parte II, da importantissima publicação *Lisboa Antiga*, devida á penna do nosso consocio, o erudito e primoroso escriptor sr. visconde de Castilho (Julio), encontramos o seguinte paragrapho, que muito grato se nos torna reproduzir.

«Concluirei mencionando a estatueta d'el-rei D. Affonso (I), coeva d'elle, e que veio de Santarem para o museu do Carmo. Tudo quanto se diga do illustrado zelo do nosso incansavel presidente, o sr. conselheiro Possidonio da Silva, é pouco.

Tem salvo preciosidades sem conto.

Esta estatueta é simplesmente medonha, mas tão valiosa quanto grosseira; já é dizer muito. Estava no paço velho da Alcáçova de Santarem.»

O socio E. A. R. D.